

# **Diálogos sobre produção de conhecimento em Psicologia Social: Experimentações audiovisuais em mobilidade humana**

Gislene Maia de Macêdo  
Paulo Henrique da Ponte Portela  
Lara Késsia Martins Ávila  
Yan Valderlon dos Santos Lima  
Universidade Federal do Ceará, Campus Sobral, Curso de Psicologia  
(estrada.mobilis@gmail.com)

## **1. À GUIA DE EXPERIMENTAÇÕES**

Trazer à tona a discussão sobre a utilização dos recursos audiovisuais como estratégias metodológicas em Psicologia Social, representa um esforço concreto de incorporação de saberes afins à Psicologia na construção de outras formas de se constituir formulações e saberes. O projeto de pesquisa e extensão universitária *A Estrada de Quem Vê Passar: Subjetividades em trânsito*<sup>1</sup>, caracteriza-se pela escolha atípica de focar a metodologia do trabalho no diálogo entre Psicologia Social, Antropologia Visual, e Etnometodologia. Cria, a partir de então, um campo de possibilidades narrativas na compreensão sobre mobilidade humana e subjetividade, tendo como cenário social o semi-árido na região Norte do estado do Ceará.

Construir formulações conceituais sobre a relação entre Mobilidade Humana e Psicologia, como um campo de conhecimento abrangente e ainda recente à Psicologia, apresenta desafios e grandes dificuldades para pensar aspectos metodológicos em Psicologia Social. A escolha pela abordagem interdisciplinar percorre caminhos de formulações conceituais sobre mobilidade como atributo humano e compreende as dimensões subjetivas no enlace da transitoriedade (Macêdo e Carvalho, 2009). Aqui, as opções conceituais e metodológicas se completam ao conceber o espaço de elaboração das idéias confluído às noções de movimento, do transitório, da velocidade e do tempo como categorias de análise que perpassam e volatizam as experiências humanas de viver e conviver.

O diálogo interdisciplinar entre Psicologia Social e categorias de análise da Geografia Humana e Antropologia, enriquece as perspectivas metodológicas tanto na coleta de dados como na utilização de recursos audiovisuais na pesquisa e na extensão. Em constante movimento no campo de formulação das idéias e em sintonia com a perspectiva de territorialização/desterritorialização/reterritorialização (Costa, 2007) das formas de pensar, mobilidade humana e subjetividade se delineiam acompanhados pelo movimento das falas dos entrevistados, da câmara que filma e registra o contexto, da fotografia que ilustra instantes, momentos, como em respiração do entre falas. O “entre”, essa dimensão rizomática, o “entre” que nos interessa no estudo sobre mobilidade humana e subjetividade. No delineamento da pesquisa e da extensão nesse caso, consideramos as mutações do plano de trabalho que se misturam ao cotidiano numa tentativa de estabelecer contrapontos entre

---

<sup>1</sup> Uma das ações do Laboratório de Identidade, Cultura e Subjetividade, *Laicus* (UFC/Sobral), inscrito como grupo de pesquisa da Plataforma Lattes do CNPq.

o estar no meio e nos entre-meios que o campo proporciona aos pesquisadores, aos adeptos da etnometodologia, aos que se permitem viver a pesquisa como experimentação e arte. A escolha metodológica, neste caso, denuncia a própria natureza e as principais categorias de análise do trabalho: movimento, lugar, trânsito, subjetividades. A realidade social aqui delimitada segue uma proposta de análise micropolítica para a Psicologia Social, proposta por Silva (2005) como “estratégias de produção do conhecimento”, que possibilitam a psicologia ser explicada pelo social e não o social pela psicologia.

## 1.2. CONCEITOS E CONTEXTOS

Analisar a relação entre mobilidade humana e subjetividade nos faz retomar algumas peculiaridades que o mundo contemporâneo trouxe para a vida das pessoas. Mecanismos acelerados, relações espacializadas, vidas em trânsito, revelam (Macêdo e Carvalho, 2009) corrida pelo progresso e individualismo exacerbado, que invertem valores e sentidos humanos. Nascimento (2008) pondera que o indivíduo passou a se responsabilizar pelo seu próprio mal estar e pelas mazelas sociais, gerando desamparo subjetivo e busca pelo álcool e outras drogas como apoio e sustentação da própria vida.

No estudo de mobilidade humana proposto, compreendemos que *algo* acontece com os sujeitos em movimento que é mais que o próprio movimento. É, além disso, um pacto silencioso de suas múltiplas formas de significação dos espaços, paisagens e de si mesmos. A expectativa que o movimento nos traz como possibilidade de ir para outro lugar, é a mesma de, por lá, colocar-se como um *outro* que reinventa a sua própria existência (Macêdo, 2006). A percepção de si, no entanto, não está colocada como restauradora da identidade. Diante dos muitos “barulhos” do mundo que nos cerca, a percepção é ainda privação sensorial porque se dá de forma fragmentada, limada do inteiro, do íntegro do espaço e de si mesmo. Os espaços monótonos, sinalizados, previsíveis são paradoxais diante das idéias de corpo e liberdade de movimentos (Sennet, 1994).

O corpo supostamente livre se sujeita às vivências cotidianas tornando-se dócil e passivo em relação ao espaço. Num espaço que comporta sensações de mobilidades rápidas ao mesmo tempo em que evidencia sujeitos inertes, o movimento acontece por motores e o corpo condiciona-se às operações mecânicas ou são simplesmente levados. Os meios de comunicação, o mundo cibernético, as relações virtuais ou mesmo transportes mais velozes, mas potentes que nos coloca no movimento sem que o corpo se mova de fato (Virilio, 1996; Virilio, 1993, Bauman, 2001) demonstram como a ilusão de velocidade é confundida com a ilusão de movimento.

Proclama-se freqüentemente que nesta era de ubiquidade da informação as novas tecnologias abrem ao homem a possibilidade de uma reflexão e de uma inteligência coletivas. Entretanto, quando este mesmo homem está nas ruas das cidades-rodovias, o que ocorre? Uma regressão desconcertante: ele é levado a conceber o outro como um estrangeiro ameaçador e a manter sua individualidade a salvo do contato com o outro. Se a interatividade entre homem e máquina ocorre no espaço virtual e privado das moradias e instituições – o que implica compartilhar experiências –, no espaço geográfico das ruas, compartilhar qualquer coisa tende a ser uma utopia. (Sant’Anna, 2001, p.48)

Os espaços, os ambientes construídos, demarcam as rotas que os sujeitos devem seguir. O cotidiano e a vivência nos espaços os transfiguram e os fazem funcionar a revelia

das necessidades humanas. Autores como Marc Augé defendem a idéia de que a experiência contemporânea de locomoção, de ser transportado também transforma o lugar em *não-lugar*, dessensibiliza os sujeitos na sua relação com o espaço transformando-o em mero lugar de passagem. No processo de individuação, os sujeitos se integram ao espaço e buscam delimitações de lugares, territórios, referências geográficas que também incidem sobre a construção de referências da cultura, um *lugar antropológico* (Augé, 1994).

[...] a organização do espaço e a constituição dos lugares são, no interior de um mesmo grupo social, uma das motivações e uma das modalidades das práticas coletivas e individuais [...] Reservamos o termo “lugar antropológico” àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social [...] (*op. cit.*, p. 50-51)

Para Augé, sob o olhar antropológico, os lugares possuem pelo menos três características em comum: são identitários, relacionais e históricos. Pelo olhar da psicologia, acrescenta-se ainda que os lugares são **subjetivos**, subjetivados, uma vez que a cada momento os resignificamos, a cada movimento nos reapropriamos deles e de nós mesmos. Essa análise nos permite avançar no paradoxo fixação-nomadismo e em que marca cultural e ideológica estão assentados os modelos de ir e vir. Em situações de transitoriedade que se colocam como permanentes no cotidiano, as subjetividades vão se constituindo nos traçados da geografia dos lugares e nos percursos diários, numa tentativa de tornar a vida viável, possível.

Assim, a vida se constitui por situações em trânsito, coloca o homem na condição de eterno viajante, que, ao mesmo tempo em que se desloca, tenta satisfazer suas necessidades e realizar seus desejos (Macêdo e Carvalho, 2009). É comum usar o telefone celular, folhear jornal, checar a agenda, comer, enquanto se está dirigindo. O tempo não pára, é preciso se deslocar. Esse modo de vida tem provocado a fragmentação dos sujeitos e, conseqüentemente, o seu adoecimento. Para Justo (2000) as implicações imediatas à subjetividade humana apontam para o sujeito móvel, para cotidianos espacializados (situações em trânsito) e para interações impessoais.

O projeto *Estrada* busca o estabelecimento de um *lugar* epistemológico, antropológico, psicológico e, sobretudo, *subjetivo* a respeito do que designamos *mobilidade humana* de nosso tempo. Nesse sentido, o estudo sobre mobilidade humana e subjetividade se constitui num campo de possibilidades narrativas onde a associação com registros de som, imagem e movimento nos provê com momentos de escuta da realidade e de compreensão dos modos e processos de subjetivação. O lugar é percebido como espaços subjetivos, pois ele é resignificado a cada momento de atuação nele, desta forma a realidade local é privilegiada como o lugar onde os pesquisadores encontram o material de estudo inclusive um de seus pressupostos é a pesquisa participante.

## 2. A ESCOLHA DOS LUGARES

Com as crescentes transformações econômicas e sociais na região norte do Ceará, principalmente na cidade de Sobral (cidade com cerca de 180 mil habitantes) e cercanias, as formas de vida dos lugares, das pessoas e das relações são inevitavelmente alteradas. Indústria, comércio, educação mobilizam e desencadeiam movimentos, trânsitos e deslocamentos mais intensos e constantes. Na subida e descida da serra da Meruoca, transportes coletivos improvisados carregam pessoas; pela cidade de Sobral bicicletas,

motocicletas, carros (cada vez em maior quantidade); por ela caminhões, ônibus que vem de algum lugar e vão a outros. Com as universidades, a cada semestre mais e mais novos moradores, que utilizam a cidade como lugar de passagem e/ou como habitação para o trabalho, para o estudo, para o lazer. Nos percursos que levam até Sobral, as estradas diversas mediam distâncias, espaços, velocidades, subjetividades em trânsito.



Foto 2: Gislene Macêdo, subida da serra da Meruoca, 2007

No entanto, o que ocorre com os sujeitos entre o ponto de saída e o de chegada? Que processos, que modos de subjetivação se misturam no movimento de ir e vir? Os deslocamentos realizados no cotidiano dos lugares se, por um lado, não acontecem como há 20 (vinte) anos atrás, por outro, mantêm alguns hábitos congelados no tempo. Ainda se vê carroças e cavalos trafegando em pleno trânsito, paus-de-arara, capatazia, andarilhos pela rodovia federal, ônibus que levam e trazem os estudantes das cidades vizinhas, incontáveis motocicletas utilizadas como táxi e como transporte familiar (comporta até 4 pessoas, incluindo crianças), trabalhadores que vêm de Fortaleza e arredores nos ônibus intermunicipais, muitas bicicletas, superlotando as avenidas no fim dos turnos industriais. Sobral mesmo sendo uma cidade em franco crescimento ainda apresenta características típicas de uma cidade pequena. A confluência do contemporâneo com o antigo é incorporado ao cotidiano das pessoas de forma quase natural, sem resistência. A passividade do corpo denunciada por Sennet (1994), os não-lugares (in)definidos por Augé, a itinerância abordada por Justo (2000), as questões postas em Macêdo (2005 e 2006) parecem estar presentes nos lugares, nos espaços, nos movimentos, na estrada e nas subjetividades em trânsito. Indagações se somam à experiência da pesquisa também como movimento e instigam a pensar sobre a possível experiência desintegradora da mobilidade contemporânea, sobre como integrar o que se desintegra à medida que nos deslocamos e como re-significar os espaços e a mobilidade. Tais questões também são argumentos sólidos nas escolhas das estratégias de produção do conhecimento, sobretudo na relação da pesquisa e extensão com os recursos audiovisuais, com a dinâmica das etnometodologias e com os diálogos interdisciplinares em Psicologia Social.

### 3. ESCOLHAS METODOLÓGICAS: IMAGEM E PESQUISA

Escolher é também perscrutar possibilidades, depurar o olhar. Nesse sentido, “O olhar é o contrário de generalizar, globalizar, ‘é ele quem constrói o quadro (a vista), que acrescenta, corta, omite, constrói e subjectivisa” (Dibie, 1998, em *La passion du regard, essai contre les sciences froides, apud* Ribeiro, 2007, p. 13). Esse olhar que atribui sentido ao que acontece também cria espaços de análise, territórios desmistificadores de verdades sociais absolutas, de guetos teóricos intransponíveis.

O campo delimitado e a forma de concebê-lo, de abordá-lo convidam a uma escuta de narrativas atípicas. Perscrutar esse campo de investigação pressupõe referências metodológicas que utilizem linguagens próximas da própria discussão em torno do movimento: **a imagem em movimento**. E aí adentramos num território *per si* da ciência como criação: a utilização de recursos audiovisuais como registro psico-etnográfico do movimento e das subjetividades em trânsito. Um momento único para práticas e experiências contemporâneas de pesquisar. Como disse Cole (2007) à guisa da construção do conhecimento como experimentação...

[...] em um processo de criação, o autor levanta hipóteses, de naturezas diversas, e as testa. Esse processo gera uma série de possibilidades, sobre as quais o criador opera ajustes e a partir das quais promove escolhas e decisões. [...] Nesta dinâmica de exploração da realidade, a experimentação tem um papel fundamental, está diretamente relacionada com o trabalho, é a ação que imprime na matéria possibilidade de expressão e constituição de sentidos. (op.cit., p. 121)

Os recursos estratégicos da produção de conhecimento recorrem à observação participante e à entrevista que se juntam ao questionário, fotografia, documentos audiovisuais (filme, vídeo), observação dos lugares públicos, história de vida, análise de conteúdo e afins (Poupart & Deslauriers, 2008 p. 140). Com isso desenhamos e combinamos esses recursos para nos aproximar da balburdia do cotidiano espacializado, movente, transitório.

Sob a perspectiva da etnografia e da antropologia visual, os pesquisadores possuem uma gama de elementos que permitirão pensar a produção dos dados e das imagens no cotidiano das pessoas por meio de filmagens, gravações, diários de campo, anotações, observações e afins. Isso possibilita uma forma de olhar (ontem pelo explorador, viajante) e também um modo de subjetivar, atribuir sentidos à realidade na perspectiva do pesquisador. O olhar deste é lançado para o mundo, sem pretensões de neutralidade, o que permitirá se formar um duplo: é um olhar que se lança, mas que retorna para ele reflexivamente (Barbosa 2006). No estudo sobre mobilidade humana desenvolvemos uma visão muito particular, minuciosa, sem generalizações, pois operamos com dimensões perceptuais da experiência dos sujeitos em trânsito. O que se busca constituir são cenas, imagens, que articuladas decompõem e recompõem as experiências de mobilidade humana nos lugares.

Os recursos audiovisuais são a um só tempo mediadores da interação do pesquisador com o mundo e da sua ação nele, que se dá no cotidiano das pessoas, na perspectiva etnográfica e metodológica. Desde o fim do século XIX e início do século XX, quando as potências econômicas européias se lançaram pelos diferentes continentes em busca de riquezas e progresso econômico, entraram em contato com diferentes culturas e povos que se diferenciavam radicalmente do modo de vida e cultura da Europa, o que os assustava. Como forma de observar o exótico e de contato com esse outro estranho, as

imagens fotográficas e pinturas das viagens eram produzidas captadas para mostrar esse outro humano que é diferente e que é natural daquele determinado lugar. Entrar em contato com o *outro*, ver o *outro*. Na pesquisa as gravações da voz e de imagem são testemunhas de que fatos aconteceram (cenas, momentos, falas), são registros produzidos levando em conta que o pesquisador está implicado em todo o processo. Esses registros falam de um contexto, de um lugar, de uma época que se presentificam neste material e produzem uma relação de alteridade entre o pesquisador e o *outro*.

Em uma sociedade que se alimenta de imagens (Nolasco, p. 147, 1998), é de se esperar que pesquisadores passem a usar os recursos audiovisuais como método de pesquisa e uma maneira de perceber a realidade social. A imagem está presente desde sempre em nossa sociedade e configura-se como um meio poderoso de comunicação e essencial ao convívio social já que “[...] a comunicação é indissociável do movimento de emancipação dos indivíduos”. (Wolton, p. 169, 1999). “A imagem pode informar ou iludir, aprofundar ou manipular nossa percepção do mundo, nosso pensar, nosso sentir.” (Cole, p.109, 2007).

A versatilidade dos recursos audiovisuais, seu registro, uso e produções de imagens podem gerar novas formas de compreensão acerca da realidade, do modo de vê-la e também da relação com o *outro*. A imagem pode ser usada como método ou técnica adotados na pesquisa de campo, como um dado bruto de pesquisa, registro ou como a expressão de um processo de pesquisa (Barbosa, 2006). A câmera, vista como um recurso perfeito, registra imagens ligadas ao ponto de vista do pesquisador. A imagem relatada é parte de algo maior, um olhar minucioso sobre o objeto de pesquisa do autor.

“Todavia, uma imagem é um clichê, uma parte da coisa. Deleuze nos diz que ‘nós não percebemos a coisa ou a imagem inteira, percebemos sempre menos, percebemos o que estamos interessados em perceber, devido a nossos interesses econômicos, nossas crenças ideológicas, nossas exigências psicológicas. Portanto, comumente, percebemos apenas clichês’”. (Nolasco, 1998. p 148).

As imagens registradas no processo de pesquisa são objetos de reflexão e análise. Isoladamente, a observação dessas imagens possui limitações quanto à produção de conhecimento: é necessário lidar com o cruzamento de olhares. É o cruzamento dos olhares do autor das imagens, dos sujeitos da imagem e do pesquisador que possibilita que a imagem seja pensada como um objeto fértil para reflexão. (Barbosa, Cunha e Hikiji, 2009) Assim, ela é o recorte sobre o social, um relato inacabado, que não abrange o todo: “o imprevisível impede a delimitação de princípios ou fim, o relato é sempre inacabado, mesmo quando termina.” (Bohadana, p. 30, 1998). Embora a câmera possa registrar fielmente o que está diante dela, não determina o significado do que registra. A câmera é tão vulnerável à manipulação quanto a palavra escrita, e o seu resultado sujeito à interpretação. O que a câmera capta faz parte do recorte que o pesquisador delimita no seu campo visual: ele mostra aquilo que viu. Por isso salientamos que as imagens são desejadas, são registros em um dado contexto e na sua história.

Outro ponto importante que é preciso destacar é que a pesquisa qualitativa se utiliza de diferentes fontes de pesquisa que estão em concordância e/ou se aproximam do objeto da pesquisa e que o permeia. No projeto *Estrada*, trabalhamos com uma linguagem muitas vezes poética na escrita de trabalhos, pois isto nos aproxima cada vez mais da natureza daquilo que pesquisamos e de falar sobre ele. Adotamos a *poiésis* como uma das referências no relato dos estudos. Em nossos trabalhos as entrevistas são, dentre outras ferramentas metodológicas, importantes, pois permitem deflagrar uma gama de dados que

condizem com o que a pesquisa se propõe a entender. Por meio do discurso dos entrevistados entramos em contato com os sentidos que os narradores atribuem às suas experiências de mobilidade. A aproximação e interação com o campo modifica-o e também ao pesquisador, pois assumimos que estamos inevitavelmente afetados pelas relações com o outro, sem que isso descredencie os resultados, os recortes também perceptuais e conceituais de quem investiga.

#### **4. ROTAS E ENCONTROS**

O projeto *Estrada* busca estabelecer a relação com os entrevistados nos modos de deslocamento por eles utilizados na cidade de Sobral e nos municípios circunvizinhos, que estavam de passagem ou residiam nesta cidade, percebendo neles a sua relação com o lugar. Sobral recebe constantes levas de pessoas que buscam recursos que lhes faltam em suas cidades de origem. Estas pessoas percorrem quilômetros em rodovias, mas não se desapegam dos seus lugares de origem, trazendo histórias de vida, dramas humanos, desejos e interesses.

Por meio de filmadora e de gravadores pudemos registrar os sons da viagem, os ruídos das máquinas e as vozes dos atores, acompanhando-os em seus percursos de viagem. Enquanto isso, as imagens foram registradas considerando ora as paisagens (externas ao veículo) ora as pessoas entrevistadas. A câmera aqui, não é um elemento a mais de registro, mas é um elo importante com a produção de conhecimento. As pessoas foram entrevistadas, os cenários e os lugares foram revisitados agora pelo olhar do pesquisador, que analisa não somente o discurso, mas as imagens em movimento vividas em conjunto com os entrevistados.

Em topiks, paus de arara, carroças, canoas, motos identificamos e analisamos a implicação do entrevistador na filmagem e na gravação, como experiências subjetivas, no encontro com o *outro*. Na gravação, esse *outro* narra o seu dia-a-dia de estar em viagem. Indagamos sobre os pontos de vista, a percepção daqueles que vivem diariamente ou freqüentemente o deslocamento pelas estradas. As perguntas são caminhos reflexivos que situam as pessoas sobre a sua relação com o tempo e o espaço: “O que vê na estrada? O que você pensa quando viaja?”

Assim como o entrevistador partilha um pouco deste momento vivido, não é uma presença neutra, uma vez que interfere na forma que o *outro* se posiciona e como se diz na entrevista. O acaso também leva o entrevistador a elementos inesperados e que colocam-no em uma posição muito mais reflexiva. A entrevista é um roteiro, justamente porque possibilita uma maior liberdade para a expressão do narrador/entrevistado. Os resultados, até o momento, oferecem uma perspectiva diferenciada do modo de se produzir conhecimento em psicologia social. Categorias que se aproximam dos conceitos ou os desarticulam, revelam o movimento também das idéias e formulações.

#### **5. PONTOS DE REFERÊNCIA: ETNOMETODOLOGIAS EM TRÂNSITO**

Quando o pesquisador lança-se no campo, a teoria antecedente poderá ser questionada ou problematizada, por isso, não podemos ser dependentes da mesma; ou cair no risco de um reducionismo ou descaracterização da produção de conhecimento. A teoria entra em confronto a cada vez que o pesquisador entra em campo. Um dos referenciais teóricos que guiam o nosso pensamento de atuação para entender porque a pesquisa é tão

importante e que se alia a nossa proposta de pesquisa é a Etnometodologia. Guessser (2003) nos propõe um aparato teórico que explica o cotidiano prefigurado nas falas das pessoas, que são denominadas de “atores sociais”. Atores no sentido de agirem e de estarem no mundo como sujeitos de sua história. Não são “idiotas sociais”, apenas seguindo normas e convenções que são impostas pela sociedade, e pelos costumes. Na realidade, há uma constante transformação do mundo por estes mesmos atores. A Etnometodologia considera válido em seus estudos a apreciação das motivações pessoais e da subjetividade dos mesmos atores, pois quando se desconsideram estes quesitos, estamos nos aproximando de um mundo à parte da realidade vivida, um mundo que não é o real. É a pelas vivências que se acessa o sentido das suas ações. Por isso que se torna necessário a maior aproximação do pesquisador do contexto para estudar estes elementos. A realidade está cheia de significados que é interpretada pelos atores sociais.

Desta forma, o senso comum é uma forma diferente de conhecimento não pode ser algo de todo a ser descartado, mas é algo muito importante, pois evidencia intenções e carrega consigo um conteúdo explicativo sobre a posição destes atores em um determinado contexto, tempo e espaço e permite a inteligibilidade do mundo para si e para os outros. Pelo senso comum o mundo pode ser compreendido, e nestas falas encontram-se as marcas desta apreensão, fazem isto por meio da linguagem que é compartilhada entre os membros dessa interação (Guessser, 2003).

## **6. PASSOS PRESENTES E FUTURO**

O uso das tecnologias de som e imagem serviram para otimizar os estudos de campo, fazendo com que os aspectos intrínsecos da pesquisa fossem explanados com mais clareza. Assim, foi possível entender melhor a minúcia das conversas, as características dos ambientes e as peculiaridades das relações e interações entre os sujeitos e com as suas realidade. Observa-se a mescla de antropologia visual e etnometodologia como sendo um aparato técnico-teórico importante, pois a utilização destes recursos facilita o acesso e a interação do pesquisador com universo dos sujeitos. A etnometodologia visa um mergulho vivencial no universo dos sujeitos observados que junto da antropologia visual se transforma em um olhar mais detalhado sobre este cotidiano em determinada realidade, pois é perceptível o emergir de significados e implicações a partir destes pormenores do cotidiano, tão simples, que passam despercebidos, até mesmo aos próprios atores sociais (Guessser, 2003).

A coleta de dados com instrumentos audiovisuais é aperfeiçoada em relação a técnicas tradicionais como a etnografia clássica. A própria apresentação desses dados é essencialmente baseada nos recursos audiovisuais, pois os recortes obtidos das realidades sevem para situar o observador e os atores sociais nos seus contextos e mostram, de certo modo, como se dá a interação do observador com a realidade do ator social. Desse modo, as construções discursivas emergem da tentativa de compreensão do material obtido, pois somente depois de apreciar e avaliar as imagens é que se percebem mais claramente as características dos atores sociais em ação. Mesmo as entrevistas têm suas peculiaridades que devem ser percebidas com um olhar mais crítico, pois, além das vozes dos atores sociais e sons ambientes, há os movimentos, a desenvoltura, a maneira como os atores interagem com o movimento e com o observador.

Esse processo da apreciação de imagens do movimento é um dos dispositivos críticos do trabalho, contudo, o processo de pesquisa em si é concebido e analisado de



acordo com as vivências (interações) e percepções tanto de quem faz a pesquisa quanto de quem é “sujeito da pesquisa.” Ao se observar o ator social em seu cotidiano, percebemos melhor sua interação no mundo, sua realidade particular, inteligível a partir das suas significações do mundo. As próprias “conversas” são imbricadas de significados, pois é a partir delas que a subjetividade é compreendida como um processo.

## 7. CONSIDERAÇÕES INSTIGADORAS

Este trabalho fala de uma prática e da vivência metodológica no projeto *Estrada* e também de acontecimentos que marcaram a nossa escrita. É no campo que nos constituímos pesquisadores. É no fazer e no contato com outro que nossas referências formulações fazem mais sentido. O desapego de encaixar os conceitos teóricos em nossas entrevistas e imagens abriu espaço para que a teoria fosse mais enriquecida e o conhecimento encontre novas possibilidades de ver o cotidiano das pessoas de modo diferente. A união entre etnometodologia, e olhares poéticos/audiovisuais sobre mobilidade humana e subjetividade na cidade de Sobral e cercanias, dá um caráter mais inventivo e criador as nossas práticas. O conhecimento se constitui para além da produção de conhecimento. Ganha mais um matiz, articulando saber/sabor, identificando-se como uma experimentação criadora. Propomos um espaço de desafio/diálogo para que a Psicologia Social encontre nos meios audiovisuais a possibilidade de constituir, para além do registro, um outro posicionamento metodológico, descobertas que nos aproximam ainda mais do movimento e das muitas formas de conhecer.

## REFERÊNCIAS:

- AUGE, M. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*, Campinas, SP: Papirus, 1994 (5ª ed., 2005).
- BARBOSA, Andréa, CUNHA, Edgar Teodoro da, & HIKIJI, Rose Satiko (orgs.) *Imagem – Conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas, SP: Papirus, 2009.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BARBOSA, Andréa & CUNHA, Edgar Teodoro da. *Antropologia e Imagem*. Zahar. 2006.
- BOHADANA, Estrella. ‘Nos mitos, a unidade primordial: perda ou fantasia?’ em *Feminino/ Masculino no imaginário de diferentes épocas*. Jacobina e Kühner (orgs). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- COSTA, R. H. da. *O mito da desterritorialização: do ‘fim dos territórios’ à multiterritorialidade*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- COLE, A. ‘A arte do documentário: notas sobre o audiovisual, a antropologia visual e o processo de criação’, em *Antropologia visual e hipermedia*, Ribeiro e Bairon (Orgs.), Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2007, pp.109-123.
- DENZIN, Norman K. e Lincoln, Yvona S. et al. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FLICK, Uwe. *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GUESSER, Adauto H. *A etnometodologia e a análise da conversação e da fala*. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 1 nº 1 (1), agosto-dezembro/2003, p. 149-168. Disponível em [www.emtese.ufsc.br](http://www.emtese.ufsc.br).

JUSTO J. S. 'Saúde mental em trânsito: loucura e condição de intinerância na sociedade contemporânea'. In: Boarini ML et al, organizadores. *Desafios na atenção à saúde mental*. Maringá: Eduem, pp. 9-29, 2000.

MACÊDO Gislene Maia de e CARVALHO, Nila Mara Cunha. *Mobilidade humana e subjetividade: por uma psicologia da deriva*. In: WORKSHOP INTERNACIONAL DE IMAGEM CONTEMPORÂNEA (WIIC), abril/2009, Anais eletrônico, Fortaleza: UFC, 2009. Disponível em:

[http://www.4shared.com/file/137143628/9cbfc1b7/artigo\\_eiic\\_atualizado.html](http://www.4shared.com/file/137143628/9cbfc1b7/artigo_eiic_atualizado.html).

MACÊDO, Gislene Maia de. 'Subjetividade e conflitos no trânsito urbano: desafios às políticas públicas de educação e promoção de saúde', *Cadernos ESP*, Ceará, 2(1): 20-8, jan./jun. 2006.

NASCIMENTO, Eurípedes Costa do. *Nomadismos contemporâneos: Um estudo sobre errantes trecheiros*. São Paulo: editora UNESP, 2008.

NOLASCO, Sócrates. 'Representações femininas e masculinas na televisão' em *Feminino/Masculino no imaginário de diferentes épocas*. Jacobina e Kühner (orgs). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

POUPART, J. & DESLAURIERS J.P. et al. *A Pesquisa Qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

REY, Gonzalez. *Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thompson Leming, 2005 (Capítulo 01).

RIBEIRO, J. da S. e BAIRON, S. (Orgs.). *Antropologia visual e hipermedia*, Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2007.

SANT'ANNA, DB de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*, São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SENNET, R. *Carne e pedra*, Rio de Janeiro: Record, 1994 (2ª ed., 2001).

SILVA, Rosane Neves da. *A invenção da psicologia social*, Petrópolis: Vozes, 2005

VIRILIO, Paul. *A arte do motor*, São Paulo: Estação Liberdade, 1996 (2ª ed.).

\_\_\_\_\_. *O espaço crítico*, São Paulo: Editora 34, 1993.

WOLTON, Dominique. 'A comunicação' em *O século*. Milan (org). Rio de Janeiro: Record, 1999.